

## ***A Menina e o pé de feijão – um estudo no qual a Hora Lúdica transcendeu a avaliação diagnóstica psicopedagógica.***

Sonia Maria Colli de Souza<sup>1</sup>

Valentina aos nove anos veio para o atendimento psicopedagógico sob queixa de dificuldades escolares, tanto na esfera pedagógica, dimensão cognitiva, como afetiva social, dimensão relacional e desiderativa (self). Foi encaminhada pela orientadora educacional do colégio onde estuda desde o início de sua escolaridade. O pai de V. ao trazer a queixa procura “culpados”, se a escola, se o seu relacionamento tenso com a mãe de V. que não se encontra bem emocionalmente. A mãe de V. não compareceu na primeira entrevista como solicitado, segundo o pai, porque na noite anterior a mesma havia tido insônia, esteve muito agitada, faz uso de algumas medicações.

*Será que existe “culpado” ou “culpados” pelas dificuldades escolares? Segundo Alicia Fernandez (1994), a culpa, em geral está no nível imaginário... e ainda segundo a mesma Alicia, culpa é o contrario da responsabilidade. Procurar culpados ou atribuir culpas, não contribui para encontrar possibilidades de participação construtiva dos envolvidos no processo de aprendizagem. É preciso distinguir o que é próprio do aprendente em termos de dificuldades, daquilo que ele reflete em termos do sistema em que está inserido. A família sem dúvida também é responsável pela aprendizagem de seus membros, uma vez que se constitui na primeira organização de ensinantes dos filhos, sendo os pais os possibilitadores ou não, de novos conhecimentos...*

Iniciei a anamnese, procurando conhecer a história de vida de V. O pai relatou que ele e a mãe de V. tinham um “relacionamento frequente”, mas sem muito compromisso... Os dois eram muito independentes, gostavam muito da vida noturna e na época a mãe fazia uso social drogas... e ele gostava da boemia. Quando surgiu a gravidez, não pensaram em interrompê-la, mas assumem que desejaram que naturalmente ela fosse interrompida. Não acolheram a ideia da vinda de um filho, preferiram na ocasião aguardar para ver se a gestação caminharia isto é se chegaria a termo, dados os hábitos de ambos.

*Acolher = esperar com braços abertos, dar continência... “Surgir a gravidez ? Ver como caminharia a gestação”, soa como, impensada e ainda que poderia ser interrompida no seu curso, sem que houvesse responsável, seria um fato por culpa do acaso.*

A mãe de V. tem nível médio de escolaridade, trabalha esporadicamente como consultora de moda... tinha 28 anos quando engravidou. O pai de V. tem escolaridade superior, trabalha com importação e exportação, tinha 36 anos quando V. nasceu.

A gestação foi a termo, e o parto cesáreo. Perguntei se durante a gestação a mãe fez uso de drogas, o pai diz que ela nega, mas que ele sabia que ela fazia, como faz até agora. Pergunto sobre tratamentos para a mãe... o pai diz que a situação em sua casa

---

<sup>1</sup> Psicopedagoga; Mestre em Educação; Ex-presidente da ABPP Seção São Paulo; Membro Titular da ABPP. [soniacolli@ig.com.br](mailto:soniacolli@ig.com.br)

está tão ruim que não “conseguiu mexer com isso” e que quando ele fala com a mãe de V. sobre o fato, ela também o acusa pelo alcoolismo.

*Cuidar do outro, cuidar da família, cuidar-se, parece tudo muito difícil para essa família.*

O pai não lembra o peso e altura de V. ao nascer, e a lembrança que tem é que estava tudo bem, apenas V. chorava muito e esse choro durou muito tempo, mas V. tinha boa saúde.

V. não foi amamentada pela mãe... ou se foi, o pai não acha que foi por pouco tempo...mas exatamente porque o pai não lembra, “parece” que V. não pegava o seio da mãe.

Sobre o DNPM de V. o pai pensa que foi tudo bem ...

Diante do desconhecimento da história vida de V. e do constrangimento do pai, reforcei a necessidade da presença da mãe, mas o pai pediu que eu começasse a avaliação de V., pois a escola o estava cobrando muito... e que ele falaria, assim que pudesse, para que a mãe de V. viesse conversar comigo.

V. frequentava o 3º ano do ensino fundamental de um colégio particular de São Paulo. Havia sido reprovada no primeiro ano e as dificuldades para aprendizagem foram observadas e apontadas pela orientação educacional para seus pais, desde o início de sua vida escolar. Do ponto de vista afetivo social, V. se mostrava com limiar extremamente baixo de tolerância às frustrações e contrariedades, reagindo agressivamente nessas situações. Em algumas ocasiões, V. agrediu fisicamente seus colegas, e nessas ocasiões de desestruturação ou descontrole, sua fala era de ameaças de abandono e de vitimização, ex. “não serei mais sua amiga pra sempre, você foi falsa comigo.” A acusação de falsidade sempre foi recorrente na fala de V. Também foram mencionados episódios de descontrole manifestados por gritos histéricos.

Em casa são mencionadas reações semelhantes de V. em relação aos pais, mas não acontecem com empregados e com seu irmão que é cinco anos mais novo que ela. Foi relatado pelo pai que V. já pegou objetos para ameaçar sua mãe, como enfeites da casa, pedaço de madeira e até faca numa ocasião em que v. e sua mãe discutiram na cozinha... Os comportamentos agressivos de V. sempre foram mais pesados em relação à sua mãe do que a seu pai. V. dirige à sua mãe depreciações físicas e manifesta desconforto por seu contato físico como beijo ou abraço. Também foram mencionados pelo pai de V. freqüentes episódios de gritos semelhantes aos ocorridos na escola, quando contrariada.

*Apesar desse repertório descrito pelo pai, nunca foi tomada qualquer atitude clínica, nenhuma ajuda V.e/ou sua família receberam até o momento em que sou procurada. “Parece” que os pais ouviram apenas o que disse respeito à vida escolar de V. e não à V. Neste momento reflito sobre quem cuida de V.? Quem é responsável por ela? Apesar da força com que V. grita, não é ouvida...*

O primeiro contato feito pelo pai foi telefônico, ocorreu no final de junho de determinado ano, dizendo que havia sido encaminhado a mim pela OE do colégio de V. logo após reunião para encerramento do semestre, mas que ele estava fora do Brasil a trabalho e que assim que chegasse marcaria entrevista para tratar avaliação de V. Novo contato foi feito por ele em setembro seguinte, mas que em vista de feriados... ele voltaria a me procurar em breve... Em final de outubro, o pai me procurou para que fosse feita uma avaliação psicopedagógica com urgência pois sua filha “corria o risco de ser reprovada”.

*A organização da família é precária. Não há tempo para V. A escola é relativamente ouvida, “parece” que precisa “ameaçar”, ou os pais precisam se sentir ameaçados para cuidar de V. ou para que cessem os desconfortos.*

*Na entrevista inicial o pai procura informar o que lhe é pedido, mas em alguns momentos ele diz não ter certeza do que afirma, nem sabe se os fatos que ele informa são importantes... para a seguir dizer “tudo é importante agora, não é mesmo?” Parece receoso e ao mesmo tempo aliviado por ter que mostrar os machucados, seus, de V., e de toda sua família.*

Iniciei a sondagem diagnóstica de V. na semana seguinte ao encontro com o pai. Apesar de haver sido solicitado que o pai ou a mãe acompanhassem a menina na primeira sessão, V. veio trazida por um motorista que presta serviços à família, chegou receosa, desconfiada, parecia assustada. Pedi ao motorista que permanecesse na sala de espera, pois o mesmo já se afastava para vir buscá-la ao final da sessão. V. demonstrou apreciar minha solicitação, afinal nunca havia estado naquele consultório e tão pouco me conhecia.

Convidei V. para entrar na sala de atendimentos, apresentei o ambiente contei sobre o meu trabalho com as crianças que me são confiadas, perguntei-lhe se sabia por que estava comigo, ao que ela responde saber mais ou menos, acha que é por ir mal à escola. Perguntei se ela sabia o significado do seu nome e quem o havia escolhido. V. disse não saber quem escolhe os nomes das crianças e desconhecia seu significado. Apresentei a ela a pesquisa que eu havia feito e que seu nome significa “aquela que é valente, cheia de disposição e saúde”. V. sorriu e mostrou que ficou contente e perguntou porque eu havia feito isso. Respondi que gosto de conhecer o significado dos nomes, mas que acima disso, porque me interessa muito pelas crianças que atendo.

- “Atende?” perguntou V.

-É atendo e cuido, para que encontrem junto comigo, uma maneira melhor de aprender ou uma forma de aprender melhor. Respondi à V.

Iniciei a sondagem diagnóstica com a hora lúdica. Convidei V a abrir a Caixa Lúdica, disse-lhe que eu havia colocado alguns materiais dentro dela, mas V. não abriu a caixa lúdica. Ofereci jogos, mas V. não se envolveu com as propostas feitas permanecendo sentada à minha frente sem qualquer ação. Peguei a argila que estava na caixa e a convidei para brincarmos juntas, ao me ver cortar a argila com um pedaço de

barbante, V ficou muito intrigada, então convidei-a a “cortar” um pedaço para si, o que ela aceitou, mas se limitou a bater com a mão espalmada sobre a argila falando muito baixo que nada sabia fazer. Mostrei que com sua mão estava deixando marcas na argila. Após esse comentário V. passou a fazer maior pressão com seus dedos. Nas “covinhas” geradas, sugeri que colocasse sementes de feijões e lentilhas para decorar a mandala produzida por ela... V. pergunta o que é mandala, fica atenta às explicações e semeia muitos feijões, colocando de um a três em cada covinha. Ao final da atividade, perguntei se ela queria levar sua obra de arte para casa, ao que ela respondeu que deixaria para outro dia.( V. me antecipou que viria em outro dia, sugerindo que a relação estava estabelecida). Então lhe perguntei se gostaria de ter uma surpresa no nosso próximo encontro, mas que para isso eu precisaria de sua ajuda para colocar sua mandala dentro de um saco plástico e fechá-lo com elástico. V. se mostrou novamente intrigada e juntas colocamos a mandala como eu havia sugerido.

### *A curiosidade move Valentina!*

Ao me despedir de V. pedi que ela dissesse à sua mãe que eu gostaria de conhecê-la. No dia seguinte a mãe de V. enviou um e-mail afirmando que assim que pudesse viria conversar comigo e que havia recebido o recado pela filha. Outros e-mails se seguiram, nos quais ela perguntava como lidar com V. que era rebelde, como fazer com que V. melhorasse na escola, ou relatando alguma desestrutura de V. Terminava seus e-mails reafirmando que assim que encontrasse tempo iria ao consultório.

*Continuava a falta de tempo para V. Continuava V. aparecendo pelas suas más ações.*

Na sessão seguinte V. chegou mais disponível, e trouxe consigo seus óculos. Eu lhe disse que não sabia que ela usava óculos. V. diz com naturalidade, “acho que meu pai esqueceu te contar”.

*Relatou com naturalidade, como dentro do esperado, que seu pai esquecera-se de informar algo sobre ela.*

### *Quem cuida de V.?*

Assim que entramos na sala de atendimentos V. procura por sua mandala na estante onde a deixou e fica surpresa ao ver que os feijões brotaram e sua mandala agora tinha algo germinando.

Nas sessões seguintes destinadas para a avaliação, V. acompanhou crescimento dos feijões em sua “mãozinha”, como ela passou a chamar a mandala, e eu apontei que o crescimento dos feijões, mostrava que o espaço estava pequeno para sua germinação... então, levei um vaso, e juntas transplantamos o pé de feijão que já soltava brotos e folhas... V. continuava afirmando que deixava agora seu vaso, junto com outros que tenho na sala, dizendo que o seu vaso ficaria com suas amiguinhas (outras as plantas) que eu já cuidava.

*Simbolicamente a mandala mostrou à V. sua possibilidade de construir, fazer, deixar marcas boas...*

*Simbolicamente a germinação dos feijões mostrou vida, espera, surpresa, sobrevivência, crescimento, a possibilidade de crescer estava nas mãos de V., se alguém cuidasse dela...*

*Simbolicamente através de seu vaso V. se entregou para que eu a cuidasse.*

*Simbolicamente, V. estava presente todos os dias enfeitando meu “jardim estante”.*

A avaliação seguiu seu percurso, oferecendo dados importantes não só para o reconhecimento dos entraves escolares de V., mas principalmente para que eu conhecesse uma menina que queria subir pelo pé de feijão e alcançar quem sabe, um tesouro que nem ela sabe o valor, ter autoria de pensamento, mas com certeza outro valor que ela sente na alma, ser conhecida e reconhecida por seus pais.

O atendimento a V. continuou sem a devolutiva, pois os pais numa primeira data marcada esqueceram-se do compromisso, quando telefonei para saber por que não haviam comparecido, o pai se desculpou, admitiu seu esquecimento, e pediu que a intervenção não fosse interrompida. Marcamos nova data para devolutiva. Nesse encontro falei sobre a avaliação, sobre os desejos manifestados por V. em relação à atenção de seus pais, seus ciúmes em relação ao irmão que era, ao ver de V., muito mais atendido pelo pai, o que esse admitiu alegando ter dificuldades no relacionamento com V. dados seus comportamentos rebeldes... A mãe queixou-se da forma como V. rejeitava seus carinhos...Nesse momento entreguei a ela uma carta escrita por V. na sessão em que soube que os pais viriam para a devolutiva, a mãe não abriu a carta, colocou-a em sua bolsa sem comentários.

Durante a devolutiva os pais discutiram questões suas, do casamento, do desentrosamento, foram extremamente agressivos e desrespeitosos um com o outro, em nome das dificuldades com V. acusaram-se até de agressões físicas à filha. Pouco escutaram, mas pediram que o atendimento a V. fosse mantido por mim. Mostraram extremo disfuncionamento familiar. Nessa devolutiva encaminhei os pais para terapia familiar, orientei que V. deveria continuar o tratamento psicopedagógico e sinalizei tratamento psicológico também, mas priorizei o atendimento familiar, escolhi não ter V. como elemento identificado da família.

O pé de feijão foi sendo acompanhado por Valentina que o cumprimentava sempre que chegava, dava água para seu vaso e admirava seu crescimento, com alegria viu surgirem algumas flores miúdas, fomos prendendo os estirões do feijão com fita crepe pela parede da sala. O crescimento do feijão no vaso, era questionado por V., sugeri então que ela o levasse para casa para colocá-lo na sala, mas que ela não se preocupasse se o feijão não ficasse muito bem, parasse de crescer ou até morresse, pois plantas em geral, têm vida breve, mas ela já sabia plantar e cuidar de feijões. Na semana seguinte, V. contou com tristeza que sua mãe jogara seu feijão por não ser planta de jardim. Essa afirmação não foi acareada por mim, pois não houve oportunidade, apenas acolhi Valentina.

Valentina continuou o atendimento psicopedagógico, por um semestre, melhorou suas relações escolares e sua produtividade, porém o trabalho foi interrompido, pois o pai optou por mudar V. de escola, para outra menos exigente e que ela pudesse dar conta sozinha.

*Sozinha continuou V. valentemente e sem a escolha de ser diferente.*

Os pais não procuraram pela terapia familiar, que recomendei e estão dando “um tempo” para o casamento, a mãe alegando trabalho foi para outra cidade. O pai ficou com as crianças e segundo relatos de V. “estava diferente, até deu um presentinho para ela, quando deu outro presentinho para seu irmão.

*O nome de Valentina foi escolhido por seus pais, “parece” que intuíram que ela precisaria ser muito corajosa, cheia de disposição e saúde para crescer e encontrar as suas possibilidades para aprender.*

Bibliografia Consultada

AUGRAS, Monique "O ser da compreensão, fenomenologian da situação de psicodiagnostico" Ed. Vozes

BARBOSA, Laura Monte Serrat e SOUSA, Maria Silvia Todeschi "Segredos do aprender, a psicopedagogia e as elaborações simbólicas.

FERNÁNDEZ, A. O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001